

**O Ensino, a Pesquisa e a Extensão no Campo das Viagens e do Turismo:
em busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo
Brasil – França – Mundo¹**

Biagio M. Avena²

Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia - CEFET-BA

Resumo: Neste estudo saliento aspectos gerais das formações, da estrutura do ensino, da pesquisa e da extensão no Brasil no campo das viagens e do turismo. Evidencio a constituição de itinerários formativos e o debate sobre a criação da ciência social das viagens e do turismo. Apresento alguns estudos e obras realizados por historiadores, antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais que se dedicaram ao estudo da evolução das atividades das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo. As reflexões desenvolvidas têm por intuito contribuir para estudar e verificar como inserir as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens nas formações de uma forma geral e, especificamente, no campo das viagens e do turismo.

Palavras-chave: ensino; pesquisa; extensão; turismologia.

Considerações Iniciais

Parece bem claro e notório, a partir da reflexão de diversos pesquisadores, autores e na experiência cotidiana dos educadores efetuadas ao longo do século XX, mas sobretudo nas últimas décadas, que há muitos desafios a serem superados para se atingir uma formação e educação efetiva e de qualidade. Os estudos de Avena (2008a) têm o intuito tanto de ressaltar alguns desses aspectos, mas sobretudo de evidenciar a necessidade de uma reflexão mais profunda no papel essencial da educação de propiciar o desenvolvimento do autoconhecimento dos sujeitos. Esse processo, pelo que indicam algumas investigações recentes, está em curso, porém demandando um aprofundamento e uma expansão importantes. No cerne dessa marcha, é enfatizado o papel fundamental da formação do docente, pois é por meio dele que as alterações, as mudanças, as transformações necessárias nas formações e na educação serão efetivamente realizados.

Essas observações são de cunho geral e aplicam-se a todos os níveis e graus das formações e da educação no âmbito mundial, guardadas as devidas proporções em função da

¹ Trabalho apresentado ao GT “Pesquisa na Formação e Atuação do Turismólogo Gestor, Pesquisador e Formador” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008. Este trabalho é uma adaptação de um texto do Volume 4 da Tese de Doutorado “Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si.

² Professor do Curso de Turismo e Hospitalidade do CEFET-BA, Mestre e Doutor em Educação pela UFBA, Especialista em Administração Hoteleira pelo SENAC / UESC, Diplomado em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy II, Licenciado em Didática Especial da Língua Francesa pela UERJ, Guia de Turismo pelo SENAC/RJ, Guia de Turismo Internacional pela Região Toscana – Itália. Site: www.biagioavena.com – e-mail: bmavena@cefetba.br; bmavena@uol.com.br.

etapa de desenvolvimento de cada uma das sociedades e dos seus respectivos contextos. Mas, especificamente, o objetivo deste estudo centra-se nas formações no campo das viagens e do turismo no Brasil.

A educação básica, profissional, superior, a pós-graduação e a pesquisa

Em pesquisa anterior foi apresentado um capítulo que explicita a Educação em Turismo. Assim, foi efetuada uma descrição sobre “o que poderia e deveria ser desenvolvido na Educação dos sujeitos envolvidos na atividade econômica do Turismo, tanto na Educação Básica [...] quanto na Educação Profissional [...]” (AVENA, 2006, p. 179). Foi enfatizado, sobretudo, o destaque dado à Educação Básica, à importância que se deve atribuir aos Temas Transversais no Ensino Fundamental e à parte diversificada do Ensino Médio. Isso porque, o conjunto de temas escolhidos pelas instituições podem aparecer transversalizados nas áreas definidas, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. Foi considerado, portanto, que é nesse ponto onde podem ser inseridos os debates e discussões sobre o campo das viagens e do turismo nessas formações, promovendo uma reflexão inicial sobre o significado das viagens e suas contribuições à (trans)formação de si. Além disso, foi evidenciado igualmente a necessidade de uma constante e continuada formação que possibilite oportunidades de atualização e especialização que contribuam à expansão profissional do sujeito nesses campos. Uma das possibilidades para os profissionais de nível superior pode ser realizada por meio de cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. No entanto, além dos cursos de pós-graduação, a Formação ao Longo de Toda a Vida (*Life Long Education – Éducation tout au long de la vie*) deve ser feita por meio de diversos dispositivos que no sistema universitário brasileiro são atribuições de um dos tripés da Universidade, a Extensão.

Itinerários formativos: uma possibilidade de percurso

No que concerne à importância da formação ao longo de toda a vida e a sua estruturação, um dos aspectos a serem destacados do Decreto nº 5.154 de 2004, é o que configura os níveis de educação profissional: a formação inicial e continuada de trabalhadores; a educação profissional técnica de nível médio; e a educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. Fica, então, explicitado que esses três níveis deverão tanto ser organizados por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica, quanto articular esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego e da ciência e tecnologia. Essa articulação está incorporada ao Plano Nacional de

Turismo 2007 (PNT 2007, p. 76).

Alem disso, segundo o Artigo 3º do Decreto nº 5.154, os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores poderão ser ofertados mediante *itinerários formativos* que deverão ter por objetivo o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social. Esses *itinerários formativos* deverão incluir a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização dos trabalhadores. Destaca-se, ainda, que preferencialmente, esses cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores deverão articular-se com os cursos de educação de jovens e adultos, com o objetivo de qualificar para o trabalho e elevar o nível de escolaridade do trabalhador.

Itinerários formativos: um delineamento inicial de proposta

É apresentado a seguir um delineamento inicial de proposta para a elaboração de *Itinerários Formativos* para a Educação Profissional. Entende-se o termo *Itinerários Formativos* como o conjunto de etapas que compõem a organização da educação profissional em uma determinada área, possibilitando o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos do sujeito.

Dessa forma, essa proposta atende:

- ao Art. 1º mediante cursos e programas de: formação inicial e continuada de trabalhadores; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação;
- ao Art. 2º observando: a organização, por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica; a articulação de esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego e da ciência e tecnologia;
- ao Art. 3º em que os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores (qualificação inicial, aperfeiçoamento, especialização e atualização) poderão ser ofertados em todos os níveis de escolaridade, objetivando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social.

Os quadros nº 01, 02 e 03, sintetizam essas formações e o quadro nº 04 apresenta um delineamento geral que poderia orientar as formações nos diferentes campos do conhecimento, nas modalidades presencial, semi-presencial e à distância e, especificamente neste estudo, as formações no campo das viagens e do turismo. Nesse cenário, se evidencia que esse delineamento inicial de proposta de itinerários formativos poderia servir de base para: primeiramente, se ter uma visão ampla das atuais formações oferecidas pelas instituições

nos campos do conhecimento em que atuam; em segundo lugar, por meio da análise dos itinerários por campo do conhecimento dessas instituições, se ter uma visão ampliada do que é atualmente realizado e, sobretudo, das lacunas evidenciadas por essa análise; e, por fim, sugerir as ações a serem implementadas para se ter um fluxo contínuo nesses itinerários formativos.

Quadro nº 01 – Educação Básica

EDUCAÇÃO BÁSICA		
Educação Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio

Fonte: Lei nº 9394/96; Decreto nº 5154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.

Quadro nº 02 – Educação Profissional

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL							
Formação Inicial	EDUCAÇÃO TÉCNICA			EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA			
	Formação Continuada	Cursos Técnicos	Cursos de Especialização Técnica	Cursos de Extensão	Cursos Tecnológicos	Cursos de Extensão	Pós-Graduação
<i>lato sensu</i>							<i>stricto sensu</i>

Fonte: Lei nº 9394/96; Decreto nº 5154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.

Quadro nº 03 – Educação Superior

EDUCAÇÃO SUPERIOR				
Cursos Sequenciais	Graduação	Extensão	Pós-Graduação	
			<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>

Fonte: Lei nº 9394/96; Decreto nº 5154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.

Quadro nº 04 – Proposta de Itinerários Formativos – Geral.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS										
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL										
ÁREAS	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO		EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO			EDUCAÇÃO SUPERIOR				
	FORMAÇÃO INICIAL	FORMAÇÃO CONTINUADA	Cursos Técnicos	Cursos de Extensão	Cursos Especialização Técnica	Cursos Sequenciais	Graduação	Extensão	Pós-Graduação	
									<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>
							EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA			
						Cursos Tecnológicos	Cursos de Extensão	Pós-Graduação		
								<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>	
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA										

Fonte: Elaborado por AVENA (2008).

Quadro nº 05 – Exemplo de Itinerários Formativos – Turismo e Hospitalidade.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS – TURISMO E HOSPITALIDADE										
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL										
ÁREAS	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO		EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO			EDUCAÇÃO SUPERIOR				
	FORMAÇÃO INICIAL	FORMAÇÃO CONTINUADA	Cursos Técnicos	Cursos de Extensão	Cursos Especialização Técnica	Cursos Sequenciais CS	Graduação G	Extensão	Pós-Graduação	
									<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>
							EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA			
						Cursos Tecnológicos	Extensão	Pós-Graduação		
										<i>lato sensu</i>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA										
TURISMO E HOSPITALIDADE	Hospedagem: – camareiro(a) – serviços gerais Alimentos e Bebidas – auxiliar de cozinha – auxiliar de garçom – garçom	Hospedagem – camareiro (a) para hotéis de luxo – Serviços gerais para hotéis de luxo Alimentos e Bebidas – garçom – sommelier – cozinheiro – bar man	Meios de Hospedagem – recepcionista – agente de reservas – auditor noturno – concierge – porteiro	Meios de Hospedagem – sistemas operacionais de reservas Alimentos e Bebidas – cocktails refrescantes – técnicas de decoração de cocktails	Especialização Técnica para a recepção de viajantes asiáticos (Melhor Idade, GLS, etc.)	CS CT – Tecnólogo em Agenciamento Tecnólogo em Hotelaria	G - Bacharel em Turismo	Planejamento Estratégico para Estações Hidrominerais Elaboração de Roteiros para viajantes GLS	Metodologia do Ensino Superior para Cursos de Turismo e Hotelaria	Mestrado em Turismo Doutorado em Turismo

Fonte: Elaborado por AVENA (2008).

A elaboração do quadro nº 04 teve por intuito possibilitar a apresentação, de forma estruturada e linear, dos cursos oferecidos nas diversas áreas do conhecimento e nos respectivos níveis de formação. Assim, em cada linha poderiam ser inseridas as áreas do conhecimento em que atua a Instituição e em cada coluna poderiam ser elencados os cursos propostos e/ou previstos.

No que concerne especificamente a área de Turismo e Hospitalidade foi esboçado como exemplo o quadro nº 05. A partir da visualização desse quadro seria possível identificar a oferta global nessa área em cada nível de formação. Isso colaboraria tanto para o próprio planejamento da oferta de formações das Instituições quanto para o planejamento individual de cada sujeito em formação. Nesse cenário, essa estruturação poderia ser considerada como um fluxo que sintetizaria a proposta de um Itinerário Formativo. Certamente, essas são reflexões iniciais que demandam um debate mais aprofundado e que serão enriquecidas por outras pesquisas dentro do contexto da proposta de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

O ensino e a pesquisa no campo das viagens e do turismo no Brasil

Na elaboração da Cartografia do ensino e da pesquisa nos campos da educação para as viagens e do turismo, no Brasil e na França (AVENA, 2008a), foi evidenciada a necessidade de investimentos nas formações nesses campos. Ficou, igualmente, salientado que a organização dos estudos e pesquisas no Brasil têm permitido evidenciar que um bom

caminho inicial já foi percorrido, mas que há ainda muito a ser feito. No Brasil, especialmente, a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR – tem incentivado uma organização qualitativa e quantitativa das pesquisas, o que pode ser evidenciado pelas investigações apresentadas durante os seus seminários. Em 2007, o IV Seminário da ANPTUR teve o seu foco na Pesquisa em Turismo e Hospitalidade: configuração do campo científico. Durante a mesa redonda de abertura do seminário, foi evidenciado por Tomás de Aquino Guimarães, representando a CAPES, que a pós-graduação *stricto sensu* tem o papel primordial de formar docentes e pesquisadores gerando conhecimento e tecnologia. Nesse sentido, evidencia que existe a necessidade de se formarem indivíduos com capacidade para: gerar conhecimento e tecnologias em turismo apropriados à realidade brasileira inserida no contexto internacional; pensar criticamente o papel do profissional de turismo nas organizações e na sociedade; pensar criticamente o turismo como campo de conhecimento; e formar formadores.

É nessa perspectiva que o comitê de pós-graduação da área na CAPES tem por papel: promover o crescimento sustentado da área; apoiar as ações e propostas que incorporem com clareza o foco na qualidade; definir critérios específicos da área para avaliação de programas e classificação da produção científica; indicar as diferenças de desempenho entre programas. Ressaltou, também, a necessidade de se introduzirem especialistas de outras áreas nos programas de turismo e de se ampliarem as parcerias internas e externas. No que concerne aos trabalhos apresentados ficou evidenciada a prática da interdisciplinaridade e a abordagem multidisciplinar do turismo, além da preocupação na formação docente e de pesquisadores.

A ciência social das viagens e do turismo: uma turismologia?

Durante a elaboração da Cartografia desse campo (AVENA, 2008a) foram observados e evidenciados os avanços e, igualmente, a necessidade de aprofundamento de reflexões sobre as formações nesses campos do saber. As viagens e o turismo são atividades que têm interfaces com diversas áreas de estudos em diversos campos do saber, visto que no centro de suas pesquisas, estudos e análises está o ser humano, o sujeito-viajante, o sujeito-turista, sujeitos bio-psico-sócio-histórico-culturais, seres complexos, multirreferenciais, transpessoais, que estão à procura tanto de se auto-conhecerem quanto de outros conhecimentos. Dessa forma, se verifica que as reflexões e análises desses campos são

complexas e demandam um comportamento científico que deve(ria) considerar os aspectos tanto inter e transdisciplinares quanto inter e transpessoais.

Poderia, então, esse campo receber a denominação de Ciência Social das Viagens e do Turismo? Para explicitar esse debate, as seções que se seguem têm o objetivo de apresentar mais algumas reflexões sobre a pesquisa, o ensino e a extensão no campo das viagens e do turismo enfocando as experiências francesa e brasileira a respeito da criação da Ciência Social das Viagens e do Turismo – Turismologia.

A necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa

No tocante ao papel da pesquisa e a sua contribuição para o desenvolvimento da atividade das viagens e do turismo, Moisset³ (1996, p. 141) ressalta que a pesquisa pode e deve ajudar as empresas no desenvolvimento de suas atividades. Salienta que a experiência tem demonstrado que “é sempre difícil extrair de um estudo global ensinamentos estratégicos operacionais para a empresa”. Portanto, considera que os pesquisadores “podem contribuir em muito para o setor do turismo”, sobretudo, no que concerne à metodologia desenvolvida para certos assuntos específicos. Considera na sua análise, que os instrumentos clássicos de administração e gerenciamento dão as suas contribuições, mas é necessário se reportar, hoje em dia, a sociólogos dos sistemas para fazer trabalhar em conjunto atores que possuem sistemas de análise com diferentes tipos de lógica. Além disso, ressalta que há certos assuntos em que o acesso à pesquisa poderia permitir a solução de um impasse. Salienta, além disso, que as empresas exprimem uma demanda pela condução em conjunto de um certo número de trabalhos fundamentais, tais como aquele sobre as técnicas de análise e de compreensão da satisfação dos clientes, pois as metodologias de trabalho atuais são relativamente rudimentares. Nesse cenário, evidencia que no futuro será necessário a articulação de ações das empresas e associações com um certo número de organismos de pesquisa para um incremento qualitativo da atividade turística.

Nesse mesmo sentido, Balfet⁴ (1996, p. 141) reforça a posição de Moisset (1996) e evidencia que é necessário “fazer avançar o conhecimento utilizando uma metodologia científica elaborada por especialistas.” Nesse contexto, na sua compreensão, talvez essa “possa ser a definição de pesquisa”, levando em conta que, não sendo uma *disciplina* universitária na França, “a pesquisa no turismo deve ser conduzida de forma transdisciplinar, considerando as especificidades desse setor.” Ressalta a necessidade de se lembrar que “em

³ Diretor da Agência Francesa de Engenharia Turística.

⁴ Diretor do Centro de Estudos do Turismo e das Indústrias do Acolhimento da Universidade de Toulouse-Le Mirail.

um setor em que tudo acontece muito rápido”, é preciso, igualmente, “validar o estudo pela ação.” Assim, se verifica o reconhecimento de que o desenvolvimento nesses campos deve ser induzido por meio de múltiplos canais evidenciando-se nitidamente uma perspectiva multirreferencial e multidisciplinar.

Por sua vez, Rémy Knafou⁵ (2005, pp.11-14) constata que há ainda muitos progressos a serem realizados no campo das viagens e do turismo, mas salienta que vem acontecendo uma verdadeira tomada de consciência de muitos pesquisadores sobre a importância do turismo na sociedade.

Na sua perspectiva, cada sujeito, quer seja ele pesquisador ou não, olha o mundo diferentemente pelo fato da sua própria experiência enquanto cidadão e turista. Enfatiza que o turismo permite ver de uma outra maneira os lugares do cotidiano, pois trabalha todo o corpo social, está onipresente, de maneira implícita ou explícita, no funcionamento da sociedade. Por esse motivo, considera que muitos pesquisadores não especialistas do turismo compreenderam essa realidade, além de todo o interesse que existe em olhar o turismo para ver o que se passa nas sociedades. Dessa forma, essa nova forma de apreender o turismo alimenta a reflexão. Nesse sentido, na sua opinião a pesquisa sobre o turismo está no caminho de adquirir, fora do campo do turismo, a credibilidade que lhe faltava.

No que concerne à criação de uma “ciência do turismo”, esse pesquisador considera que é ainda muito cedo para defender a sua criação. Analisa que, atualmente, os pesquisadores que abordam o campo do turismo o fazem no contexto de sua própria disciplina (geografia, sociologia, etc.). Portanto, a utilização do instrumento disciplinar nas diversas disciplinas ainda está longe de se esgotar. Considera que as abordagens disciplinares ainda têm muitas coisas a ensinar sobre o turismo. No que se refere às abordagens pluridisciplinares, há ainda um longo caminho a ser construído. Nessa perspectiva, uma das dificuldades da abordagem pluridisciplinar é que o turismo não está ainda assentado sobre bases epistemológicas sólidas.

Para esse professor e pesquisador, é possível que o turismo possa um dia se erigir como um campo autônomo. Salienta que na teoria não é uma utopia, mas que é um pouco prematuro considerando o avanço da pesquisa e do indispensável reconhecimento científico no seio das disciplinas existentes. Assim, antes de tornar autônoma uma “ciência do turismo”, é necessário continuar a produzir trabalhos de pesquisa de qualidade, fazê-los ser conhecidos e assegurar sua credibilidade além do círculo dos iniciados nesse campo. Na sua perspectiva,

⁵ Professor da Universidade de Paris 7, dirige há mais de dez anos uma equipe de pesquisa sobre o turismo (Mobilidade, Itinerários, Territórios - MIT) e trabalhou na criação de uma rede nacional de pesquisadores em turismo na França (Associação para o desenvolvimento da pesquisa e de estudos sobre os turismo – Adrets).

é necessário fazer admitir que o turismo não é somente um objeto de desprezo e de futilidades, mas um campo de uma riqueza extraordinária para aqueles que querem compreender alguma coisa sobre o que se passa nas sociedades. Nesse contexto, a construção de uma abordagem científica do turismo é um trabalho de fôlego. Portanto, salienta que a sua equipe de pesquisa (o MIT) é a única na França que tem como objeto principal o turismo. A especificidade da abordagem dessa equipe consiste em pensar o turismo como um sistema de atores, de lugares e de práticas que têm a ambição de compreender as instâncias profundas levando em conta a diversidade dos locus produzidos pelo turismo ao longo do tempo.

Considera, outrossim, que para poder criar uma “ciência do turismo” é necessário abrir o círculo a outras disciplinas. Nesse sentido, doravante, é preciso fazer escola, interessar os jovens pesquisadores pelo setor, constituir equipes e pólos de pesquisa perenes. É nesse cenário que a Associação para o Desenvolvimento da Pesquisa e de Estudos sobre os Turismos – ADRETS – tem como seu primeiro objetivo ser um espaço de troca e de encontro em torno do tema da pesquisa turística e de sua difusão. Sua ambição é ser um instrumento do reconhecimento da pesquisa em turismo.

Por sua vez, Le Scouarnec⁶ (2006, pp. 10-12) afirma que a pesquisa em turismo pode ser finalmente reconhecida. Faz essa afirmação considerando a base de dados da Direção do Turismo, que compreende mais de 250 pesquisadores e doutorandos e cerca de trinta centros de pesquisa. Por meio dessa base de dados é possível: estabelecer um inventário das pesquisas realizadas sobre o tema do turismo, nos diversos campos disciplinares; identificar os pólos de competência nos diversos setores do turismo. Além disso, ressalta que a Direção do Turismo apóia as redes de pesquisadores em turismo, que atualmente são quatro. Além do mais, estabelece convênios com Universidades e laboratórios de pesquisa com o intuito de criar uma dinâmica e uma parceria entre os pesquisadores, a administração pública e os profissionais do turismo. Esses convênio têm por objetivo prioritários: apoiar procedimentos inovadores que concernem os grandes desafios do setor ou preenchendo as lacunas no conhecimento da atividade e das práticas turísticas; lançar pesquisas que finalizam em procedimentos pré-operacionais suscetíveis de conduzir à tomada de decisões e a ações; e fornecer elementos de antecipação e de prospectiva para os profissionais do turismo e para as administrações públicas. No que concerne às dificuldades de reconhecimento das pesquisas em turismo, considera que se relacionam, essencialmente, à falta de reconhecimento do setor do turismo por ele mesmo. Ressalta que esse setor, sendo caracterizado por uma grande

⁶ Chefe do escritório de estratégia, prospectiva, avaliação e de pesquisa da Direção do Turismo do Ministério do Turismo Francês.

diversidade e múltiplas facetas, não é suficientemente levado a sério pelo mundo político e econômico, motivo pelo qual a pesquisa em turismo não é verdadeiramente levada a sério pelo mundo da pesquisa. Salienta que os grandes laboratórios de pesquisa não se interessam, ou muito pouco, por esse setor. Além disso, o turismo não está integrado aos diversos programas de pesquisa disponíveis. Nesse sentido, considera que os desafios, no âmbito francês, têm dois lados. Por um lado, trata-se de encorajar a pesquisa em turismo, por outro de lutar pelo seu reconhecimento.

A turismologia na França

A proposta da Turismologia delinea-se na França, liderada por Hoerner⁷ (2002a) que a define como sendo “uma ciência humana com caráter pluridisciplinar de síntese, voltada para o estudo das viagens e da indústria turística.” Por defendê-la como uma ciência de síntese, a considera igualmente como uma ciência aplicada. Além disso, ressalta que essa nova ciência “aspira tornar-se a ligação entre as formações superiores para a hotelaria e o turismo, e o meio profissional.” Evidencia, também, que “a pesquisa científica ligada ao turismo toma forçosamente uma grande quantidade de direções, em razão de sua diversidade ou de sua importância econômica ou social.” Nesse contexto, salienta que “as múltiplas facetas reconhecidas da indústria turística, que necessitam de estudos setoriais, exigem uma reflexão particular.” Assim, considera que esse “é o primeiro desafio” dessa nova ciência. No entanto, considera igualmente que “o seu engajamento não se limita à redefinição da indústria hoteleira e das viagens e as suas futuras orientações.” Ressalta que a turismologia “é, também, uma ciência de prospectiva sobre a 'civilização do lazer' no seio de nossas sociedades. Ela torna-se então crítica, sem jamais esquecer seu objetivo profissional.” Fervoroso defensor da criação da “turismologia”, uma ciência turística, Hoerner (2002b, pp. 15-20) advoga uma nova definição do turismo, que qualificaria o setor em relação à sua indústria e não em relação aos seus turistas.

A turismologia no Brasil

O professor Elio Chaves Flores⁸, no estudo sobre *As Fundações Historiográficas da Turismologia* (FLORES, 2005, pp. 142-162), considera esse conhecimento novo, a turismologia, como a ciência social das viagens e enfatiza que para fazer avançar a prática turística, essa necessita de aportes teóricos de outras ciências. Por esse motivo, salienta que

⁷ Reitor da Universidade de Perpignan, um militante na criação de uma ciência turística.

⁸ Doutor em História Social e professor da Universidade Federal da Paraíba.

“as ciências humanas não poderiam deixar de abraçar esse gosto emotivo pelo futuro e acolher com agrado a ciência nova que habita entre nós, a ciência do turismo” (p. 143). Evidencia que “seria preciso reconhecer que a cientificidade e a disciplinaridade, no âmbito dos estudos turísticos, já possuem uma maturidade de, pelo menos, duas décadas” (p. 143). No entanto, salienta que “as próprias denominações para a ciência nova, teorologia, turismologia e ciência social das viagens ainda não estão completamente assentadas fora do mundo acadêmico” (p. 143). Reconhece que, nesse cenário, “em várias ocasiões, os turismólogos convocaram os cientistas da natureza e os cientistas sociais para a enorme jornada que se tem pela frente: a construção de uma ciência nova cujos resultados só podem fazer avançar o turismo social e culturalmente democrático” (p. 161). Dessa forma, considera que “cabe aos poderes públicos uma apropriação e aplicação mais rápida dos conhecimentos produzidos para que os roteiros regionais de turismo se insiram na economia política” (pp. 161-162). Ressalta que “o acesso às viagens e ao turismo está inscrito no constitucionalismo brasileiro e deve ser preocupação dos governos afirmativos como um direito” (p. 162). Na sua reflexão, é por meio do turismo que o sujeito pode praticar diversas virtudes. E que virtudes seriam essas? Na sua perspectiva, seriam

todas aquelas proporcionadas pela história que, numa ação cupida sem precedentes, flecham o olhar do ser protagonista para o livre pensamento, a espiritualidade, o diálogo consigo (de si para si), a interpretação das heranças e tradições culturais e, por último, sem ser o menos importante, para o encantamento do Outro, saudade rediviva de uma viagem que jamais se finda. (FLORES, 2005, p. 162)

Nesse sentido, considera que “uma cultura escolar turismológica seria, portanto, a capacidade de construir uma educação dos sentidos, pública e patrimonial, para que crianças e jovens não sucumbam no esquecimento de si mesmos, o mais grave sintoma de uma amnésia social cultivada pelos profetas da Mão Invisível, o Mercado” (p. 162).

Algumas contribuições ao debate

Na pesquisa bibliográfica efetuada por AVENA (2008a), se verificou que há diversos estudos e obras realizados por historiadores, antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais que se dedicaram à evolução histórica das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo. Em todos se evidenciam elementos e aspectos das experiências e aprendizagens que propiciaram e continuam proporcionando as viagens, inicialmente, e o turismo posteriormente. O propósito aqui é destacar algumas informações que fundamentam a evolução da atividade das viagens, do turismo e do lazer que conduzem o pensamento à

reflexão sobre a necessidade de se repensar essas atividades e sobre a possibilidade de criação da Turismologia e/ou da Ciência Social das Viagens e do Turismo.

No que concerne às pesquisas e os estudos no Brasil, dá-se aqui destaque às reflexões de Barbosa (2002), Rejowski (2005), Santos Filho (2005) e Trigo (2002). Além de apresentar sucintamente os primeiros deslocamentos humanos, as viagens culturais ressaltando o *Grand Tour*, o ressurgimento do balneário e o turismo de cura, a modernização nos transportes e a consolidação das viagens de turismo com Thomas Cook, a expansão do turismo a partir das férias remuneradas e a criação mercadológica do conceito de “Indústria do Turismo”, Barbosa (2002) chama a atenção para o significado da palavra Turismo. Nesse cenário, realiza uma reflexão crítica sobre o viajante e o turista, o que pode ser considerado como um dos pontos centrais da sua análise que evidencia a mercantilização, ou a “coisificação” do viajante.

Por sua vez, Rejowski (2005) organiza um itinerário que ressalta os antecedentes das viagens e do turismo no mundo, o desenvolvimento do turismo em si, pondo em foco igualmente o turismo inserido num cenário global de mudanças e realçando, especialmente, a evolução do turismo no Brasil. É interessante dar especial destaque ao último capítulo, pois pode-se perceber em detalhes a trajetória dessa atividade socio-econômica no Brasil e, sobretudo, a necessidade de aprofundarem-se estudos sócio-histórico-culturais nesse campo de pesquisa.

No âmbito das pesquisas e estudos efetuados no Brasil, especial destaque deve ser dado ao livro *Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras*, de Santos Filho (2005). Esse autor trabalha o fenômeno do turismo, “demonstrando a inexistência de verdades absolutas e a necessidade de rever fatos e explicações antes intocáveis pela academia.” Nesse contexto “abre uma série de novas indagações para repensar o turismo como fenômeno, oxigenando a leitura desse objeto e alimentando o ensino, a pesquisa e a extensão, para fortalecer a constituição de um arcabouço teórico-científico próprio.” Na sua concepção, “a historiografia mundial sobre o turismo deve ser rediscutida” ampliando os seus horizontes.

O interesse especial da investigação de Trigo (2002) é a observação e o destaque dado à evolução histórico-temporal dos dados apresentados das diversas categorias que compõem as atividades das viagens e do turismo no Brasil. Peculiar interesse desperta o último capítulo que trata especificamente da educação, da pesquisa dos eventos e das publicações em turismo no Brasil, pois além de cronologicamente apresentar os eventos, as

primeiras escolas de turismo e dados gerais, dá igualmente destaque à produção das dissertações de mestrado, teses de doutorado e livre-docência apresentadas e defendidas até 1999 e à publicação científica até o ano 2000.

No que se refere à publicação internacional, dá-se ênfase aos estudos e pesquisas de Boyer (1996; 1999; 2005), Ceard e Margolin (1987), Collini e Vannoni (2005), Leed (1991), Van Den Abbeele (1992) e Withey (1997).

No que diz respeito aos estudos no campo da História, despertam especial interesse os estudos de Boyer⁹ (1996; 1999; 2005) que nas suas pesquisas, por meio de uma análise profunda das especificidades do turismo, da revolução turística do século XVI ao século XVIII, da história elitista do turismo nos séculos XIX e XX, ressalta a importância do turismo globalizado do ano 2000. Com base em todos os precedentes da evolução da atividade turística no mundo, aponta reflexões necessárias para uma possível transformação no futuro. Portanto, a partir das especificidades do turismo na atualidade, analisa os conteúdos e comportamentos destacando os três tempos da viagem, o turismo-descoberta, os quatro modelos de turista e os conteúdos e os estilos sociais.

No que concerne especificamente as viagens científicas, os estudos de Ceard e Margolin (1987) e Collini e Vannoni (2005) se destacam. Ceard e Margolin (1987) organizaram os anais do colóquio de Tours de 1987, no qual são apresentados diversos trabalhos sobre as viagens durante o Renascimento. Foram reunidos elementos para contribuir na demonstração de uma tipologia dos viajantes. Destacam-se a manifestação de ensinamentos sobre o conhecimento, a percepção, a representação e a imaginação do espaço no Renascimento. Evidencia-se igualmente a análise da experiência da diversidade e da alteridade das quais as viagens foram o modo e a ocasião. É importante realçar que esse colóquio pode elaborar algumas conclusões sintéticas sobre o espaço da viagem e sobre a viagem como descoberta e experiência do outro.

Por sua vez, Collini e Vannoni¹⁰ (2005) estudaram a literatura de viagens e o *corpus* das instruções de viagens. Nesse sentido, produziram uma antologia dos séculos XVII ao XIX que oferece um panorama sugestivo e internacional das instruções científicas destinadas aos viajantes, desde as produções inaugurais de Robert Boyle e John Woodward até o fim do século XIX, quando se afirmam os standards da pesquisa profissional. Além do grande interesse de ter acesso direto aos textos dos diferentes autores escolhidos, é necessário apontar o longo ensaio introdutório que oferece uma síntese dos temas e problemas

⁹ Professor de história, Doutor de Estado, expert científico de turismo, membro do Conselho Nacional do Turismo da França.

¹⁰ Doutoradas em História das Ciências da Universidade de Florença.

característicos das instruções e que, ademais precisa, do ponto de vista historiográfico, sua importância como fonte e reconhecimento das primeiras pesquisas sobre o homem e o cenário das suas ações.

Leed¹¹ (1991) inicia o seu itinerário com a epopéia de Gilgamesh e chega à era do turismo de massa demonstrando que a viagem alterou profundamente a compreensão de si e a compreensão do mundo pelo ser humano. *The Mind of the Traveler*¹² é uma excursão panorâmica através dessas “transformações de passagens”. Explora as grandes viagens tradicionais do ocidente: as viagens heróicas; as viagens sagradas; e as viagens filosóficas a procura de conhecimento social ou científico. Descreve a vida das “sociedades viajantes” e demonstra como as grandes viagens de descoberta do Novo Mundo favoreceram uma revolucionária nova visão Eurocêntrica da humanidade e transformou a Cultura “Européia” em Cultura “Moderna”. Demonstra como a industrialização transformou a viagem e como conduziu ao surgimento do turismo de massa. A conclusão aprofunda a reflexão sobre as conseqüências sociais da viagem. Esse autor considera nas suas análises as formas como a mobilidade altera a identidade, mapeando as imagens sucessivas do viajante heróico como um arquétipo masculino expondo cronologicamente o modo como o sexo e o gênero operam na literatura da viagem e na experiência. Além disso, argumenta que uma das partes mais interessantes é que o mundo industrial moderno é uma sociedade de viajantes e que a viagem mudou de uma expressão de necessidade e destino para aquela de independência e liberdade.

Van Den Abbeele¹³ (1992) dá realce nos seus estudos ao fato de que como resultado da incorporação da palavra grega *metaphorein* (transferir ou transportar) no discurso Ocidental, a palavra “travel”¹⁴ funcionou freqüentemente como a metáfora da metáfora em si mesma, e por extensão, como a metáfora da narrativa, da escrita, do movimento do pensamento, e da circulação e do deslocamento do sentido. Nesse contexto, numa série excepcionalmente detalhada de leituras de Montaigne, Descartes, Montesquieu e Rousseau, esse autor apresenta a teoria de uma economia da viagem que explora as formas paradoxais e contraditórias como a viagem é entendida e praticada na cultura Ocidental. Dessa forma, examina a viagem inscrita no início da moderna filosofia francesa não só como um processo geográfico e cultural, mas como uma metáfora para o movimento do pensamento em si.

O interesse dos estudos de Withey (1997) faz sobressair, além da história da viagem de lazer de meados do século XVIII até o início da Primeira Guerra Mundial em que

¹¹ Professor associado de História na Universidade Internacional da Flórida.

¹² A mente (memória) do viajante. (NT)

¹³ Professor associado de francês na Universidade da Califórnia.

¹⁴ Viagem (NT).

mudanças significativas ocorreram – na tecnologia, na quantidade do público viajante, na escolha dos destinos, inclusive na crença do que era válido ver – inicia com a descrição do Grand Tour do continente Europeu feito pelos filhos das ricas famílias britânicas e chega à história de como as massas chegam para usufruir dos prazeres antes reservados para poucos e especiais sujeitos. Esse talvez seja o aspecto mais interessante a ser destacado e estudado; objeto relevante para uma outra pesquisa.

Algumas Considerações

Ao longo deste texto, nas diversas etapas da sua elaboração, salientei alguns aspectos gerais das formações e a estrutura do ensino, da pesquisa e da extensão no Brasil no campo das viagens e do turismo. Além disso, apresentei a proposta de delineamento de Itinerários Formativos e a necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa nesses campos, abrindo, assim, o caminho para aprofundar a configuração do campo científico da ciência social das viagens e do turismo.

Referências

- AVENA, B. M. **Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si.** 2008a. 495 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador.
- AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento de qualidade: um novo olhar.** São Paulo: Roca, 2006a. 319 p.
- AVENA, Biagio M. A Viagem: um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. **Revista da FACED**, Salvador, v. 09, p. 13-20, 2005.